

Portugal no Brasil: ‘Topografia’ da Embaixada Universitária de Coimbra*

*Portugal in Brazil: ‘Topography’ by the University
of Coimbra Embassy*

*Portugal en Brasil: ‘Topografía’ de la Embajada
Universitaria de Coimbra*

Élio Cantalício Serpa**
José Adilçom Campigoto***

Resumo: O presente artigo trata da viagem da Embaixada de Estudantes da Universidade de Coimbra ao Brasil em 1951, sob a coordenação do reitor Maximino Correia. Pressupomos que, na prática de textualização do Brasil e por intermédio de seu relatório, Maximino Correia operou com um repertório de informações e valores advindos da cultura política nacionalista autoritária, produzida por intelectuais fortemente ligados ao governo ditatorial de António de Oliveira Salazar.

Palavras-chave: viagem; topografia; autoritarismo; cultura política

* Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Bolsa Produtividade.

** Professor Associado na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História do Brasil República. Organizador de coletâneas como: *Narrativas da Modernidade: História, Memória e Literatura* (EDUFU, 2011); *Escritas da História: intelectuais e poder* (Editora da PUC Goiás, 2004); *O beijo através do Atlântico: o lugar do Brasil no panlusitanismo* (Argos, 2001) e vários artigos em revistas nacionais e internacionais. Pesquisador CNPq/Bolsa Produtividade. <ecserpa@gmail.com>.

Associate Professor in the Faculty of History at Universidade Federal De Goiás (UFG). PhD in Social History from Universidade de São Paulo (USP). Professor of History of Brazil Republic. Collections organizer as: *Narrativas da Modernidade: História, Memória e Literatura* (EDUFU, 2011); *Escritas da História: intelectuais e poder* (Editora da PUC Goiás, 2004); *O beijo através do Atlântico: o lugar do Brasil no panlusitanismo* (Argos, 2001) and many papers in journals both nationals and internationals. He also holds a productivity research fellowship from CNPq. <ecserpa@gmail.com>.

*** Professor Adjunto D no Departamento de História da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO). Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Oficinas da História. Organizador de coletâneas como *Brasil Ucrânia: Linguagem, cultura e identidade* (Paco editorial, 2013); *Estudos em história cultural* (Editora da UNICENTRO, 2008) e vários artigos em revistas nacionais e internacionais. <a.cam.pi@hotmail.com>.

Adjunct Professor in the Department of History at the Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná - UNICENTRO. PhD in Cultural History from UFSC. Professor of history workshops. Collections organizer as *Brasil Ucrânia: Linguagem, cultura e identidade* (Paco editorial, 2013); *Estudos em história cultural* (Editora da UNICENTRO, 2008) and several papers in national and international journals. <ja.cam.pi@hotmail.com>.

Abstract: This paper analyses the journey of the Embassy of Students of the University of Coimbra in Brazil in 1951, under the coordination of the rector of this university, Maximino Correia. We assume that in the process of textualizing Brazil and through its report, Maximino Correia operated with a repertoire of information and values from the authoritarian nationalist political culture, which was produced by intellectuals strongly linked to the dictatorial government of António de Oliveira Salazar.

Keywords: travel; topography; authoritarianism; political culture

Resumen: Este artículo trata del viaje de la Embajada de Estudiantes de la Universidad de Coimbra hasta Brasil realizada en 1951, bajo la coordinación del rector Maximino Correia. Suponemos que por la práctica de textualización que tematiza Brasil y través de su informe, Maximino Correia operaba con un repertorio de información y con el producto de la cultura política nacionalista y autoritaria producida por intelectuales fuertemente vinculados al gobierno dictatorial de Antonio Oliveira Salazar.

Palabras clave: viaje; topografía; autoritarismo; cultura política

Leitura do relatório de Maximino Correia

No início da década de 1950 foi constituída a Embaixada de Estudantes da Universidade de Coimbra para visitar o Brasil. O grupo era composto por professores e alunos da Universidade de Coimbra e tinha como objetivo perceber a presença de Portugal no Brasil, para sedimentar “a consciência da grandeza histórica de Portugal” (CORREIA, 1953, s/p). O relatório dessa viagem, publicado três anos depois, foi escrito pelo reitor Maximino Correia, professor da Faculdade de Medicina da referida universidade e também coordenador da expedição.

O reitorado de Correia estendeu-se de 1943 a 1960 e, segundo Torgal (1999, p. 142), caracterizou-se pelo seu modo peculiar de dialogar com os estudantes, numa atitude paternalista e persuasiva, fiel ao salazarismo e aos seus princípios ideológicos. Durante sua gestão e sob sua presidência, foi empreendida a reformulação do espaço ocupado pela universidade, e, para tanto, a população foi deslocada para outros pontos da cidade. A arquitetura dos novos prédios, conforme Torgal (1999, p. 137), era inspirada em reformas feitas na Itália de Mussolini e na Espanha de Franco.

Pressupomos que, naquele período, certas atividades, visando propagar a notoriedade e o papel civilizador da Universidade de Coimbra, coadunavam-se com a cultura política salazarista. A referida instituição teve função capital na difusão do ideário colonialista, assentado nos pressupostos da “política do espírito” e da constituição do Quinto Império. Assim, o futuro previsto (Quinto Império) elaborava o sentido

do presente e também do passado, dando sustentação ao fortalecimento da confiança no grandioso futuro português.

O relatório elaborado por Maximino Correia foi publicado em 1953, no volume III da revista *Brasília*. É composto de trezentas e onze páginas versando sobre a viagem, desde a saída até o retorno a Portugal. O percurso da embaixada no Brasil inicia-se com a sua chegada a Pernambuco, indo posteriormente, e na sequência, à Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Alagoas, terminando com o retorno ao Rio, a Pernambuco e à Bahia.

Neste texto comparamos a trajetória da embaixada em território brasileiro a um movimento compreensivo, porque dele resulta uma totalidade textual. O percurso tem, para efeitos deste nosso escrito, a projeção de um círculo hermenêutico, ou seja, a perspectiva de um deslocamento que vai da parte ao todo e do todo à parte. Tal movimentação, no âmbito interpretativo, é considerada por vários metodólogos como a regra de ouro da hermenêutica, um esquema geral também representado por meio da figura de um círculo.

Maria Luísa Portocarrero Silva, por exemplo, afirma que o círculo hermenêutico é “a lógica interna da compreensão hermenêutica, isto é, a regra segundo a qual é necessário compreender o todo de um texto a partir das suas partes e estas a partir do todo...” (SILVA, 2010, p. 6-7). Mas vamos considerar, desde já, que a viagem da embaixada não é propriamente um texto, nem a tomaremos como tal. O escrito a ser interpretado neste capítulo consiste no relatório – este literalmente texto – elaborado pelo reitor da Universidade de Coimbra. Trata-se de uma escritura interpretativa do Brasil, resultante da viagem que nos parece traçada no formato circular, porque, no território brasileiro, o percurso desenha o retorno ao lugar em que a visita começa.

Por esse motivo, distinguiremos os termos *viagem* e *visita*: o primeiro, significando o deslocamento desde Portugal até o retorno ao ponto de partida; o segundo, denotando o percurso realizado em território brasileiro. A viagem da Embaixada de Estudantes da Universidade Coimbra começa e termina em Portugal, podendo ser considerada como um interlúdio em que coincidem o ponto de chegada e o de partida. Geometricamente, pode assumir uma figura qualquer, porque figuras também são trajetórias. A visita, o percurso em território brasileiro, não precisaria assumir a mesma dinâmica de retorno ao começo. Imaginamos que a embaixada desenhou a figura de um trajeto circular em território brasileiro enquanto o relator elaborava seu texto. Tal imagem colocamos, igualmente, na perspectiva do ‘circuito’ interpretativo.

Maria Luiza Portocarrero Silva escreveu que

... na raiz desta ideia de círculo hermenêutico reside, de facto, a aplicação à escrita do princípio da retórica clássica, segundo o qual todo o discurso tem princípio, meio e fim. Na base deste princípio reside um pressuposto existencial, que a hermenêutica clarifica e que se pode caracterizar do seguinte modo: compreender um texto é poder ser por ele interpelado, de um modo tal que podemos dizer que uma antecipação de sentido conduz toda a nossa compreensão (SILVA, 2010, p. 6-7).

Uma visita, entretanto, não é um texto, mesmo desenvolvendo-se num percurso como esse, do qual resultou um documento escrito. Bem lembra-nos De Certeau (1994, p. 177) de que “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos [...] parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação”. O reitor Maximino Correia relata alguns momentos de caminhada afetiva e solitária. Então, pensamos o percurso realizado pela embaixada no Brasil como um procedimento de apropriação do sistema topográfico, na medida em que o viajante registra significados por meio do relato. Temos uma produção que apresenta algumas características a diferenciá-la do sistema espacial: o presente, o descontínuo e o “fático” (CERTEAU, 1994, p. 178).

Aqui não trataremos da paisagem metafórica, transumante, como se o trajeto dos visitantes constituísse um texto a deslizar sobre outra inscrição menos equívoca da natureza, das cidades, da arquitetura e da ‘cultura brasileira’. Podemos pensar no deslocamento dos visitantes como um ato de enunciação, pois tal ação de alguma forma constituiu a própria terra visitada, reinventando-a. Consideraremos que os membros da embaixada organizaram trajetos, destacaram certos espaços, condenando outros ao esquecimento, como fenômeno fático que confere certa organicidade às coisas. A ‘via’ foi registrada no relato do reitor como uma apropriação descontínua, atualizando lugares, criando interdições e abrindo novas possibilidades. O relato fala de um presente, um sistema de enunciação.

Interpretar não é partir de um grau zero, mas, pelo contrário, de uma prévia compreensão que envolve a nossa própria relação com o todo do texto, embora ela apenas se torne numa compreensão explícita quando por sua vez as partes, que se definem a partir do todo, podem definir esse mesmo todo (SILVA, 2010, p. 6-7).

Poderíamos tomar a situação político-geográfica Brasil/Portugal na década de 1950 como o contexto (parte) para elidirmos o sentido do relato (todo) elaborado por Maximino Correia. Teríamos aí uma possibilidade interpretativa, mas nos propomos a correlacionar o espaço geográfico em que se desenvolve a viagem e o texto do qual faremos a leitura. O procedimento aqui adotado não equivale a considerar a paisagem como texto, conforme propõe Dilthey. Essa seria a opção no caso de uma interpretação contextual do documento resultante da viagem. Nosso propósito, neste capítulo, vai além da leitura do contexto, porque um dos problemas da proposta de Dilthey (hermenêutica contextual ou romântica) consiste em ter ampliado, demasiadamente,

o conceito de texto, que passou a ser estendido a qualquer objeto de compreensão, ou seja, sua proposta hermenêutica comporta o princípio de que a partir de um determinado contexto qualquer objeto pode ser lido como um texto. Assim, podemos compreender por que, tantas vezes nós, historiadores, recorremos à noção de texto (CAMPIGOTO, 2003, p. 229).

A dificuldade decorrente de tal dilatação implica o dado de que nenhum país é textualidade de fato, a não ser quando for assim imaginado para dar sentido à interpretação. No presente estudo, a paisagem brasileira será concebida apenas como o cenário em que os visitantes realizam determinado percurso/visita. Consideraremos a trajetória como se tivesse o formato circular, um círculo ainda que não totalmente perfeito em termos de trajeto, mas que passa por Salvador e lá termina (Fig. 1).

Os pontos delineados na região visitada pelos *'embaixadores de Coimbra'* abrangem, pela ordem, Recife, Salvador, Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Rio, Olinda, Maceió e Salvador. Eles evocam a forma de um circuito, termo derivado da palavra círculo. A visita termina onde se inicia... E esse dado terá significado importante para nossa compreensão.

A viagem para o Brasil no barco Serpa Pinto

A viagem da Embaixada da Universidade de Coimbra ao Brasil era uma proposição antiga, conjecturada por alguns componentes do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC). Fora sempre postergada. Um convite da Tertúlia Acadêmica de São Paulo, de Santos, do Rio de Janeiro e de Fortaleza, no entanto, tornou-a realidade. Essa chamada Tertúlia Acadêmica era composta por ex-alunos da Universidade de Coimbra e a formulação do convite partiu de



Figura 1. Mapa do Brasil com o roteiro geográfico cumprido pela embaixada

Divaldo Gaspar de Freitas, Domingos Ramos Paiva, Ernesto Cabral, Hilário Veiga de Carvalho e Morival de Matos, responsáveis tanto pela organização como pela parte financeira da excursão. O apelo foi dirigido à “Embaixada Universitária de Coimbra que era composta por membros do TEUC, sob a presidência do Reitor Maximino Correa e integrada por um professor de cada faculdade”.

O Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra, fundado em 1938, constituiu-se no primeiro órgão cultural acadêmico com a presença de mulheres (TORGAL, 1989, p. 258). Tornou-se conhecido pelo viés oposicionista de seus membros, sofrendo por isso perseguição por parte dos órgãos de repressão do governo de Salazar. Estava sob a direção de Paulo Quintela, que também não se identificava com o regime salazarista.

Coordenador e relator da viagem, Maximino Correia argumentou, ao justificar suas dúvidas e explicitando sua adesão à empreitada, que tais detalhes se deviam à

impossibilidade do TEUC ser acompanhado pelo seu diretor artístico, o professor Dr. Paulo Quintela, a cuja dedicação, esforço e competência se deve a ressurreição do teatro acadêmico em moldes de tal elevação que deveras tem dignificado a Academia e a Universidade de Coimbra (CORREIA, 1953, p. 9).

A embaixada fez a viagem ao Brasil utilizando o barco Serpa Pinto, da Companhia Colonial de Navegação, presidida por Bernardino Correia. A partida deu-se no Cais da Rocha do Conde de Óbidos. Às vésperas, houve ato de despedida, ao qual compareceram representantes do governo português e também brasileiros.

No dia 23 de agosto, os visitantes avistaram terras brasileiras e o relator escreveu que a emoção tomou conta de todos, e lamentou não ter a embaixada seguido a rota de Pedro Álvares Cabral. Chegaram a Recife, sendo recebidos pelas autoridades brasileiras, e Maximino Correia expressou o seu envolvimento com a cultura política da época, informada pela história. Considerou que a viagem foi feita para ter a “consciência da grandeza histórica de Portugal” (CORREIA, 1953, p. 3). Em suas palavras, “era preciso ter feito essas peregrinações pelo mundo, e sentir palpitar [...] o sacrifício, o heroísmo, a abnegação, a grandeza de ânimo dos nossos maiores. Conhecer o mundo português” (CORREIA, 1953, p. 3). O relator diz estar inspirado em Luis Carrisso, um apaixonado pelo ultramar lusitano que exercera atividade científica na província de Angola. Organizador da missão acadêmica que visitou Angola em 1929, era das figuras associadas a viagens que “despertaram nos portugueses uma consciência imperial. Alimenta o gosto pelo além-mar e maior consciência se toma da grandeza de Portugal” (CORREIA, 1953, p. 4).

Em Recife, desde o porto, a embaixada foi recebida por autoridades locais, por amigos e antigos estudantes de Coimbra, tais como Boaventura Barreiros e Divaldo de Freitas, ambos formados pela Faculdade de Medicina. Ainda no barco Serpa Pinto subiram a bordo o reitor da Universidade de Recife, Joaquim Amazonas, e muitos outros professores para dar boas-vindas aos visitantes, que foram saudados pelo vice-reitor Edgar Altino. As poucas horas passadas em Recife serviram para que os integrantes da embaixada visitassem a praia da Boa Viagem, caracterizada por Correia como “*imensa a perder de vista*”.

Houve cumprimentos ao governador do Estado e todos saborearam água de coco. Algo causou estranhamento a Maximino Correia. Seus olhos deslocaram-se da visão idílica de Portugal no Brasil para a presença de outro componente cultural: ao visitar a Faculdade de Direito de Recife, o prédio lembrou-lhe as “construções universitárias de Zurique”.

No salão nobre da Faculdade de Direito, com muitos professores revestidos de suas becas, foram dadas boas-vindas à embaixada. Saudou-a, em primeiro lugar, o vice-reitor Edgar Altino, também professor da Faculdade de Medicina e de Direito, que fez um “magnífico discurso”. Tudo tinha de lembrar Coimbra por meio da Universidade, pois, na memória dos brasileiros, a Universidade é a cidade e vice-versa. Não tinham os brasileiros informações sobre as mudanças propostas de limpeza da cidade portuguesa, que procurava afastar, das proximidades da Universidade, o convívio social vivido em outros tempos. O diretor da embaixada lembrou em seu discurso que o pernambucano chamado Correia Picanço, fundador do ensino médico na Bahia, foi seu antecessor na Cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina de Coimbra. Ao visitar instalações do curso de Medicina Legal, disse a Edgar Altino: “Vimo-nos hoje pela primeira vez, mas parece-me que já nos conhecemos há muito tempo! Ao que o Colega responde: – Pois conhecemos; há mais de quatrocentos anos” (CORREIA, 1953, p. 189).

Ficou surpreso, o relator, com o fato de brasileiros quererem preservar certas tradições, referindo-se que, ainda de manhã cedo, após o desembarque da embaixada, os professores “envergaram os seus trajes acadêmicos”. Observou a diferença ou a ausência da tradição portuguesa no Brasil. Notou que os capelos se assemelhavam muito com os usados na Universidade de Coimbra, tendo, porém, maior simplicidade.

A embaixada seguiu para a Bahia, aonde chegou em 25 de agosto. O jantar foi no Serpa Pinto, onde os visitantes portugueses receberam a visita do reitor da Universidade da Bahia Edgar Santos. Maximino Correia foi avisado de que receberia o título de doutor *honoris causa* pela Universidade da Bahia. Diante de tal surpresa, transferiu a glória para o corporativo: “Compreendi que tal honra era uma homenagem à Universidade de Coimbra” (CORREIA, 1953, p. 53). Recife e Salvador foram as portas de entradas às quais os membros da embaixada retornariam quando voltassem para Portugal.

Em 28 de agosto avistaram a baía de Guanabara. De longe, perceberam que estavam perto do Cristo Redentor e do Pão de Açúcar. Foram visitados, ainda no Serpa Pinto, pelo embaixador português no

Brasil e avisados de que só poderiam desembarcar às 14 horas, para que houvesse maior presença de pessoas no cais.

A Embaixada Universitária no Rio

Uma multidão aguardava a embaixada no cais do Rio de Janeiro, dando vivas a Portugal e à Universidade de Coimbra. Presentes, o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, Pedro Calmon, amigos e estudantes. Diante da multidão, o trânsito foi interrompido. Os membros da embaixada visitaram a Câmara dos Vereadores e foram saudados com discursos. Os professores que compunham a embaixada hospedaram-se no Hotel Glória, onde as bagagens, segundo escreveu o relator, chegaram de forma correta. Os estudantes foram instalados no Clube Vasco da Gama, onde exercia grande influência um amigo de Maximino Correia, Fonseca Soares. Os professores visitantes jantaram na companhia dos colegas brasileiros e observaram o panorama noturno da baía, com imenso colar de pérolas de luzes.

A manhã seguinte, no Rio de Janeiro, “amanheceu chuvosa e triste”. Algo de exótico apresentava-se: Correia avistou uma ave de longa cauda e cores vivas e que apanhava, no voo, migalhas que alguém lhe atirava. Seu texto organizava uma topografia de elementos que comprovasse a presença de Portugal no Brasil. Caminhou sozinho na cidade, indo ao jardim, aonde encontrou a estátua de Pedro Álvares Cabral e, adiante, a capelinha da Nossa Senhora do Outeiro da Glória, fundada pelos portugueses. Destacou ter avistado um quadro (que reproduzia uma capela e o descobridor do Brasil) e um singelo e emblemático monumento, “síntese da nossa epopeia da dilatação da Fé e do Império” (CORREIA, 1953, p. 54). A escrita do relato junta monumentos separados no espaço efetivo, enquadrados num espaço representado. O relato segue em referência a outros pontos e a outros momentos.

Os dias seguintes no Rio de Janeiro foram preenchidos com visitas oficiais. Encontro com o embaixador de Portugal, visita ao Presidente da República Getúlio Vargas. O Teatro Municipal fez Correia lembrar-se da Ópera de Paris. Getúlio Vargas concordou em comparecer, e lá estavam à sua espera: o prefeito do Rio de Janeiro, engenheiro Carlos Vital; o embaixador de Portugal, o Ministro das Relações Exteriores, Neves da Fontoura, o Ministro da Educação e Saúde, Simões Filho, e a senhora Vargas. Os estudantes desempenharam, segundo o relator, seu papel com maestria, com êxito notabilíssimo e que fez eco na imprensa.

A recepção no Rio de Janeiro foi considerada calorosa, e o relator também destacou a atenção recebida pela embaixada no Senado e na Câmara dos Vereadores. Os portugueses residentes no país vieram em apoio à visita de seus compatriotas ao Brasil. Instituições como os Gabinetes Portugueses de Leitura e as Beneficências Portuguesas do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Salvador e Recife causaram-lhe admiração pela sua ação, por causa de seu patriotismo e por conta da ajuda que concediam ao próximo. Seu olhar profundamente vincado pela cultura portuguesa salazarista não deixou de observar as representações plásticas dos santos, dos reis, dos príncipes, dos homens notáveis, do culto a Camões e aos Lusíadas. Nota-se, então, o destaque a certos espaços e aspectos bem característicos, pois, enquanto uns são criticados negativamente, outros são colocados no esquecimento.

No dia 29 de agosto houve recepção no Gabinete Português de Leitura. O presidente da Federação das Associações Portuguesas, Albino de Sousa Cruz, estava em Portugal e a embaixada foi, então, recebida pelos membros federados, entre eles um grande amigo do relator, António Pedro. Segundo Heloisa Paulo (2000, p. 196), desde a década de 1930 a Federação das Associações Portuguesas optou por assumir a divulgação do ideário salazarista no Brasil, organizando manifestações favoráveis ao regime e apresentando-se como representante oficial da colônia portuguesa nos grandes eventos patrocinados pelo Estado Novo em Portugal. Talvez Albino de Sousa Cruz, presidente e consultor da Companhia Souza Cruz, estivesse em Portugal a convite do governo de Salazar, exercendo sua função de “consultor” e “informador” do ditador no que se refere aos assuntos relacionados com a colônia portuguesa no Brasil (PAULO, 2000, p. 199-200). A Sala do Gabinete Português de Leitura fez Maximino Correia lembrar-se da Biblioteca da Universidade de Coimbra, descrita como “joia joanina”.

O embaixador português fez o primeiro discurso, destacando o papel da Universidade de Coimbra e enfatizando o patrimônio e os vultos da história lusitana. Após, Leonardo Pessoa Lopes, antigo estudante da mesma instituição, destacou a formação histórica de Coimbra, da Universidade e do TEUC. Lopes pareceu demarcar outros pontos, ‘outra topografia’. Afirmou que “o Brasil é um grande e extraordinário país, que Portugal desconhece. Portugal continua a ser, como sempre foi, um grande e extraordinário país, que o Brasil esqueceu. Seguimos rumos que chegam a parecer divergentes, simplesmente porque se ignoram” (apud CORREIA, 1953, p. 59).

Quando teceu elogios a Maximino Correia, Lopes lembrou que era costume, nas universidades medievais, os reitores serem eleitos pelos estudantes. Enfatizou que se permanecesse entre nós essa tradição – que infelizmente se perdeu no reinado do Príncipe Perfeito – seria Vossa Excelência, como o é, o insigne Reitor da Nossa Universidade, eleito pelo consenso unânime de toda mocidade coimbrã (apud CORREIA, 1953, p. 59). Santos Simões, representante do TEUC, também fez um discurso e, conforme Correia (1953, p. 60), “transformou a atmosfera emotiva que se respirava em bom humor acadêmico, de que se socorreu no momento, talvez por defesa do que por convicção”. Certamente o estudante atenuou o clima gerado pelas expressões “Brasil, país que Portugal desconhece”, “Portugal, que o Brasil esqueceu”, “rumos divergentes”, “reitor eleito pelos estudantes – tradição que infelizmente se perdeu”.

Maximino Correia, quando fez uso da palavra, recorreu ao mundo da poesia, dando outro rumo à situação. Iniciou seu discurso com uma quadra de Eugênio de Castro: “Virido oceano os separa/ Mas embora tal suceda/ Entre os seus dois corações/ Não cabe um papel de seda” (CORREIA, 1953, p. 61). A intervenção do reitor permite-nos inferir que a ‘apropriação do sistema topográfico’ ocorre por meio do relato, mas também pelo mecanismo da intromissão, provocando uma mudança no rumo dos acontecimentos, um salto de um ambiente político e crítico para uma atmosfera poética e, por assim dizer, até romântica e bucólica.

Na sequência do relato está uma visita à Reitoria da Universidade Nacional do Rio de Janeiro. Maximino Correia entregou ao Magnífico Reitor uma medalha comemorativa do IV Centenário de instalação definitiva da Universidade de Coimbra. Observou, entre outras coisas, que o edifício da Universidade era uma “adaptação feliz de uma construção do Império”. Na biblioteca da instituição, seus olhos alertaram-no para algo destoante e talvez provocante. Notou uma abundância de livros ofertados, especialmente por espanhóis (CORREIA, 1953, p. 61). Lembrava-se de um inimigo não beligerante, mas que inspirava cautela.

Nos anos 1950, salazarismo e franquismo chocavam-se por suas posições extra peninsulares: América e África. Portugal propôs uma visão lusista total da realidade brasileira, identificando-a como comunidade luso-brasileira. Espanha alimentava uma visão ibero-americanista que incluía o Brasil no seu projeto de *hispanidad*. As relações tornaram-se mais tensas diante do fato de Portugal defender o colonialismo em África e de a Espanha assumir posições descolonizadoras. De certa forma, essas tensões romperam o jogo de identidades que ambos os

países foram construindo após as guerras mundiais. Prevalencia, em Portugal, a ideia de que o país, sem as colônias africanas, ficaria sob o jugo de Espanha (REDONDO, 2000, p. 282).

Na visita aos Ministérios da Educação e Saúde e das Relações Exteriores, o reitor da Universidade de Coimbra observou que o prédio onde funcionavam ambos os órgãos “é uma mole imensa de cimento armado e vidro, de concepção arrojada e original, da autoria de Oscar Niemayer” (CORREIA, 1953, p. 62). Forma arquitetônica que lhe causou desassossego, afinal, os esforços para fazer prevalecer o estilo neocolonial que se inspirava na época colonial brasileira, proposto pelo português Ricardo Severo, diluíam-se diante da suntuosidade avassaladora do modernismo brasileiro. Modernismo que, entre tantas coisas, fazia críticas ao colonialismo português. Causou-lhe estranhamento, ou até desconforto, o fato de ser decorado com afrescos de Portinari, que, segundo o reitor, embora de cunho inteiramente modernista, era bem ajustado à função que tinha de desempenhar, servindo de exemplo a biblioteca do Ministério.

Portinari não lhe trazia boas lembranças, pois em 1948 fizera uma releitura da primeira missa, contrapondo-se à representação de Victor Meirelles. Como diz Jorge Coli (1998, p. 116), o projeto de Meirelles “baseava-se na fusão fundadora entre europeus e indígenas, Portinari, em sua obra, rejeitou essa integração, eliminando os índios de sua obra e mostrando uma cerimônia só de europeus”.

Observou Correia que, no sétimo ou oitavo andar do edifício do Ministério da Educação, havia um jardim com esculturas, também de arte moderna, mas de certo encanto. Diante da grandiosidade arquitetônica e, também, da diluição da contribuição portuguesa, sua sensibilidade topográfica volta-se para uma capelinha, que diz ser “bem portuguesa, dedicada a Santa Luzia”. No Ministério das Relações Exteriores, observou: “Seu recheio é precioso, havia mobília oferecida ao rei D. João VI, retratos deste monarca, de D. Miguel, do Imperador” (CORREIA, 1953, p. 62). Na continuidade, os membros da embaixada foram convidados para almoço com o Ministro das Relações Exteriores.

As visitas continuaram. Foram recebidos na Academia Brasileira de Letras por Aloisio de Castro (presidente), Pedro Calmon, Viana Moog, Afonso Pena Junior e outros acadêmicos. Compareceu, também, uma figura muito conhecida dos portugueses: Oswaldo Orico. Proferiram-se múltiplos discursos. A embaixada participou de uma recepção no Copacabana Palace, oferecida pelo embaixador português António Faria e sua esposa. Na ocasião, compareceram alunos e autoridades brasileiras,

bem como pessoas de relevo no âmbito da colônia portuguesa do Rio de Janeiro.

No dia 31 de agosto visitaram a Beneficência Portuguesa, dando destaque ao papel da Colônia Portuguesa Fluminense. Chegando ao jardim, Correia observou uma estátua de Afonso Henriques, réplica da de Soares dos Reis de Guimarães – que fê-lo escrever: “Estamos em Portugal” (1953, p. 66) –, e, mais adiante, uma capela votiva dedicada a São João de Deus, santo português. Havia, ainda, um vitral representando a Rainha Santa Isabel, quadros com retratos de D. Pedro V e de D. Manuel e um busto de D. Carlos. Ele não ficou com dúvidas de que em locais criados pela colônia portuguesa no Brasil ficava evidente o culto a tudo quanto era português e respeitável (CORREIA, 1953, p. 67).

No dia 1º de setembro professores e estudantes da embaixada visitaram o Corcovado, a Quinta da Boa Vista, o Clube Ginástico Português, e à noite foram a um baile na sede do Clube Vasco da Gama. No dia 2 de setembro, conheceram Copacabana. Na praia, havia pouca gente e com indumentária reduzida, mas adequada ao calor e ao banho. O reitor registrou que as pessoas entravam com roupas sumárias em lojas, restaurantes e hotéis e que havia senhoras usando casacos que não lhes ultrapassavam a cintura. As visitas continuaram.

Estiveram no *Joquey Club*, onde se reunia a sociedade elegante do Rio de Janeiro. A encosta do morro estava ‘coalhada de favelas, em contraste com o fausto e a opulência’. Deslocaram-se até Niterói, onde foram recepcionados na Beneficência Portuguesa e no Palácio da Assembleia Legislativa; almoçaram na casa do português de Trás-os-Montes Manuel Gonçalves. Visitaram o Instituto Anatômico Benjamim Baptista. Maximino Correia não deixou de entrar na vivenda do Senhor Manuel Gonçalves, a “Nova Sagres”. No percurso instrumentalizado para descrever a ‘topografia de Portugal no Brasil’ ou, mais ainda, saber o quanto o Brasil era português, apontou que “no desenho da casa há influência americana e também espanhola e a esposa do senhor Manuel Gonçalves é espanhola e não abdicou em influir na traça da sua habitação” (CORREIA, 1953, p. 77). No entanto, há algo que o encanta: “Nota-se com prazer que o motivo fundamental dos ornatos é a Cruz de Cristo” (CORREIA, 1953, p. 78).

No dia 7 de setembro assistiram ao desfile, e o reitor observou que

a parada foi brilhante, havendo pormenores, na verdade curiosos, como o desfile das bandeiras, em que soldados, com os fardamentos de outras épocas, arvoraram a bandeira da época respectiva,

vendo-se representadas, desde a bandeira das quinas, manuelina, as sucessivas bandeiras de D. João III, da Restauração, do Império, do Brasil independente e monárquico e finalmente a bandeira da república brasileira (CORREIA, 1953, p. 78).

A embaixada foi convidada a assistir ao discurso do presidente Getúlio Vargas. No seu texto-relato, Correia destacou o edifício em que funcionava o Ministério da Educação e Saúde, considerando-o como um “arranha céu de concepção modernista e que o arquiteto Niemayer, que o concebeu, de grande e justa reputação, fez obra que funcionalmente é excelente”. Na sua avaliação, considerou que “mais razoáveis são as decorações escultóricas que embora à margem das representações plásticas clássicas, não chocam, nem mesmo pelo realismo” (CORREIA, 1953, p. 85). A viagem une espaços exteriores e interiores, estado a estado. No dia 8 de setembro, todos estavam no aeródromo Santos Dumont prontos a decolar, em dois aviões, para outro destino: São Paulo.

A embaixada em São Paulo

Logo que chegou ao aeroporto de Congonhas (SP), a Embaixada de Estudantes da Universidade de Coimbra recebeu um programa estabelecendo o roteiro de visitas e atividades a serem realizadas na cidade. Um desses trajetos preestabelecidos fora entregue também na sua chegada ao Rio de Janeiro. Tal atitude não significará que os visitantes parem de criar o próprio sistema topográfico. Mesmo que os organizadores da visita a São Paulo houvessem tentado canalizar o olhar de Maximino Correia para a organização racional e moderna do modo de ser em terras de “bandeirantes”, a trajetória será reorganizada no texto do relator.

Professores e estudantes da embaixada foram recebidos por várias autoridades, entre elas, o prefeito e o reitor da Universidade de São Paulo. Muitos discursos foram feitos. Os visitantes foram hospedados no Hotel Esplanada, de onde Maximino Correia avistou o monumento a Carlos Gomes e o Viaduto do Chá, junto do qual se destacam dois grandes edifícios: o da *Light and Power* e o da Industrial Matarazzo, este “coberto de mármore vindos expressamente da Itália”. Na topografia desenhada pelo texto de Maximino Correia, o território paulista mescla-se com a terra de Mussolini. A presença da Itália em São Paulo chamou-lhe a atenção também quando assistiu, com os demais membros da embaixada, à missa na Igreja de Santo Antônio: “O interior, com seus

mármore e imagens, mas se inclina para o gosto italiano” (CORREIA, 1953, p. 123). O santo era português e a fachada, portuguesa, mas faltava encontrar mais aspectos lusitanos em São Paulo.

No dia 9 de setembro, novas visitas e todas, talvez, para evidenciar o lado moderno de São Paulo, que, segundo Maximino Correia, abraçava a ciência e a tecnologia. Visitaram o Instituto Vital Brasil, mais conhecido como Instituto Butantã, e o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina. Ele diz: “Foi o que de melhor pude ver no Brasil”. Observou, no Instituto Butantã, uma excelente biblioteca, onde teve o gosto de ver “bem encadernada e arrumada a coleção da Folia Anatómica *Universitatis Conimbrigensis*” (CORREIA, 1953, p. 105-107). O sistema topográfico organizado pelo relator inclui, agora, obras de arte e literárias.

Os membros da embaixada visitaram a Biblioteca Municipal. Foram recebidos na Faculdade de Filosofia e Letras e avistaram-se com o português Fidelino de Figueiredo. Na Prefeitura, foram recebidos pelo prefeito engenheiro Armando de Arruda Pereira, que entregou a Maximino Correia a chave da cidade; também foi dado o nome de “Praça de Portugal” a uma importante área de lazer em São Paulo, localizada no ponto onde começa a Avenida Brasil. Nesse mesmo dia, o reitor da Universidade de Coimbra teve notícia de que receberia no dia 11 de setembro o título de doutor *honoris causa*, pela Universidade de São Paulo. A cerimônia ocorreu no Salão Nobre da Faculdade de Direito, e Maximino Correia foi saudado pelo professor Soares de Melo, que em seu discurso registrou:

Maximino José de Moraes Correia é Português de lei, velho roble da nacionalidade, cuidastes, de forma apostolar, do patrimônio ultramarino, convencido de que inestimável parte da grandeza de Portugal ainda hoje reside no seu Império de Além-Mar [...] São Paulo, o Brasil, não deixou nunca de agradecer à Misericórdia Divina ter sido descoberto, colonizado e civilizado pelo gênio lusitano (apud CORREIA, 1953, p. 119).

O relator escreveu que foi onde ouviu as melhores e mais significativas palavras que o vinculavam à notoriedade portuguesa. O título, disse, significou acima de tudo uma homenagem à sua universidade. O reitor e os demais membros da embaixada almoçaram com o governador do Estado de São Paulo, Lucas Garcez, no palácio do governo.

Participaram de concerto oferecido pela Orquestra Universitária de São Paulo, que tocou o Hino Acadêmico de Coimbra. Visitaram o

Museu do Ipiranga. Logo no átrio, vê-se um retrato de D. João III em um dos lados e no outro, o de Martim Afonso de Sousa (CORREIA, 1953, p. 130).

Antônio Ermírio de Moraes, intelectual lusófilo, concedeu autorização à sua filha Maria Helena para que, em São Paulo, apadrinhasse o TEUC. Como lembrança da visita, ela ofereceu aos professores e estudantes portugueses jantar no bairro América, em sua belíssima residência (CORREIA, 1953, p. 138). O professor Ernesto de Sousa Campos publicou um artigo na imprensa local destacando a presença da Universidade de Coimbra na formação das elites de São Paulo.

No dia 13 de setembro almoçaram na casa de Dr. Divaldo de Freitas, exemplo de expressão de ‘lusitanidade’. O que se vê em sua casa é uma profusão de cerâmicas, estampas, livros, tudo alusivo a Portugal, ou de Portugal proveniente. Surpreendeu-se Maximino Correia, mais ainda, ao ver as publicações essenciais da Universidade de Coimbra. Ao almoço, em ambiente castiçamente lusitano, foi servido vatapá. Casa pequena e imensa. No olhar do relator, “tem dentro Coimbra e Portugal inteiro, nos livros, nas recordações de toda ordem, azulejos, estampas, dísticos etc.” (CORREIA, 1953, p. 143). O espaço desenhado por ele contém, agora, casas portuguesas, cerâmicas e estampas, azulejos e dísticos alusivos a Portugal ou fabricados nesse país. Um prato típico da Bahia também passa a fazer parte dessa cartografia que conjuga Brasil, Itália, África e Portugal.

As visitas sucederam-se, a topografia torna-se mais ampla. Os membros da embaixada visitaram a Beneficência Portuguesa e Interlagos. Deslocaram-se até Ribeirão Preto, Campinas, São Carlos, Araraquara, Araçatuba, Bauru, Botucatu e Santos. O deslocamento de São Paulo a Santos faz o relator lembrar-se da “evocadora epopeia portuguesa da formação do Brasil” (CORREIA, 1953, p. 178). Procurou conhecer e visitar a praia de São Vicente, onde desembarcou Martim Afonso de Sousa em 1532. Encontrou um monumento simples, que tem a forma de um padrão dos descobrimentos, cerca de dez a doze metros de altura. Foi concebido e desenhado pelo arquiteto português Ricardo Severo.

Em Santos, professores e estudantes portugueses foram recebidos com banda de música, discursos e cumprimentos, e estiveram sempre acompanhados por membros da colônia portuguesa, que era numerosa. O panteão dos Andradas, a Câmara de Vereadores, a Beneficência Portuguesa e Monserrate foram locais visitados e, em seu escrito, o relator observou que “Santos tem uma parte antiga característica, conservando ainda grande número de prédios de feição portuguesa,

como por exemplo, a Igreja da Misericórdia: essa parte não é de certo bonita, embora evocadora” (CORREIA, 1953, p. 182). No que temos chamado de apropriação do sistema topográfico, o reitor como que desenhou um território, uma região que conserva numerosos prédios de feição lusitana, habitada por membros de colônias portuguesas. Caracteristicamente, tais colônias situam-se no litoral brasileiro, em lugares como Rio de Janeiro e Santos.

Então, a embaixada partiu com destino a Belo Horizonte. Foi recebida pelo diretor da Faculdade de Direito, Lincoln Prates, e parte de seus membros cumprimentou o prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira. Estava decidido que o reitor Maximino Correia retornaria a Coimbra para participar da abertura solene da inauguração dos novos edifícios universitários construídos pela Comissão que ele presidia. Entretanto, recebeu solicitação para que estivesse presente na visita à Bahia, pois receberia, lá, o título de doutor *honoris causa*. Comunicou ao embaixador português no Rio de Janeiro e, então, anotou: “Recebi um telegrama do meu Ministro António de Oliveira Salazar, que me deu verdadeiro prazer”. Com autorização de Salazar, permaneceria no Brasil.

Considerando que não tinha mais o que fazer em Belo Horizonte, Maximino Correia providenciou seu retorno ao Rio de Janeiro. Na saída para o aeroporto, Dr. Morivaldo mostrou-lhe a “pitoresca zona da Pampulha” (CORREIA, 1953, p. 208). Passaram pela nova igreja que, na observação do relator, era um “exemplar obsoleto de arquitetura moderna, parecido com um armazém ou um hangar” (CORREIA, 1953, p. 212). A cartografia desenhada pelo reitor comporta construções extravagantes e obsoletas, talvez no sentido de ser classificado o estilo como fora de uso.

No Rio, aproveitou para ir ao Pão de Açúcar, ao Clube de Regatas Vasco da Gama, ao Instituto Oswaldo Cruz, ao Museu Imperial, e foi ainda a Petrópolis e a outros lugares. Também recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade do Brasil, sem muita pompa, em cerimônia simples.

A embaixada em Salvador, Maceió e Recife

Em Salvador, os ‘embaixadores’ foram recebidos no aeroporto pela esposa do reitor Edgar Santos, pelo Cônsul de Portugal, Dr. Bugalho, pelo Comendador Costa Magalhães e por vários membros da colônia portuguesa. Visitaram o prefeito Oswaldo Gordilho e o presidente da

Câmara de Vereadores. A fisionomia da capital baiana o fez lembrar-se de Coimbra, pelo “relevo acidentado, existência de monumentos invocadores do passado, ar intelectual e tradicional desde os seus jornais até as conversas das pessoas. Como em Coimbra se respira uma atmosfera cultural mais sensível” (CORREIA, 1953, p. 216).

Interessante notar a importância que o fenômeno geográfico assume nesse momento final da visita da embaixada ao Brasil. O relator considerou que a cidade é a que conserva mais vivos e palpitantes numerosos vestígios do gênio universalista de Portugal e, recorrendo à geografia, vincula-a a monumentos históricos, a tradições, a matérias impressas e a conversas cotidianas; mas essa topografia incluirá a Espanha, assim como a terra paulista fora articulada à Itália. Agora, não somente símbolos ou construções lembram a Espanha; conforme Correia, na Bahia a atuação concreta daquele país é superior à de Portugal. Manifestou que “apesar de tudo, a colônia espanhola da Bahia é maior que a Colônia Portuguesa. A Espanha, na Bahia, tem meios de ação e de propaganda muito superiores aos portugueses” (CORREIA, 1953, p. 258).

À noite, a sessão solene de recepção à embaixada foi presidida pelo cônsul da Espanha. O relator escreveu que tudo aconteceu no Centro Espanhol, que tem uma instalação luxuosa. “Era uma festa Isabelina e oradores, quase todos brasileiros, teceram grandes elogios à ação da Espanha” (CORREIA, 1953, p. 218). O que fazer diante dessa presença avassaladora da Espanha na Bahia? Maximino Correia declarou-se impaciente com a grande quantidade de discursos. Aí, então, o cônsul espanhol ofereceu-lhe a palavra.

O reitor português aproveitou para dizer que “tinha admiração pela Espanha, pelo o que lhe deve o mundo e, especialmente, a América, mas sem se esquecer do que deve o mundo e também a América a Portugal, que, com a Espanha, dividiram a Terra em duas partes, pelo Tratado de Tordesilhas” (CORREIA, 1953, p. 219). Guerra dos que ideologicamente estão afinados com o passado glorioso das conquistas. ‘Hispanidade’ e ‘lusitanidade’ definem terrenos, marcam presença e modelam topografias.

No dia seguinte, professores e estudantes portugueses conheceram algumas preciosidades que a cidade conserva, tais como a catedral e o convento de São Francisco. O relator considerou que os azulejos dali são preciosísimos, pois se inspiram nos desenhos do flamengo Otto Veen. Um português copiou os desenhos que compõem o *Theatro Moral de la Vida Humana y de toda a Filosofia de los antiguos y*

modernos (CORREIA, 1953, p. 225). Interpretação de *Veen* sobre os poemas de Horácio Flacco. Quem seria o autor dos azulejos, ninguém sabe até a presente data.

Em seguida, visitaram a Ordem Terceira, que tinha uma fachada de inspiração espanhola, e a Igreja do Bonfim, maior devoção do povo baiano e, pela sua feição lusitana e ingenuidade, a sala dos milagres prendeu a atenção do relator. Dirigiram-se ao Palácio do Governo, no largo da Sé, onde Correia avistou o busto do primeiro bispo do Brasil, Pedro Fernandes Sardinha. A embaixada encontrou-se com o reitor Edgar Santos, da Universidade da Bahia, apesar de este estar doente. Durante as três noites que os visitantes portugueses passaram em Salvador, as ruas não foram iluminadas, somente pela lua, o que o fez lembrar-se de Coimbra.

No dia 14 de setembro, à tarde, Maximino Correia deu uma volta pela barra e avistou um forte português na praia, no qual desembarcou Tomé de Sousa. Na noite de 14 de outubro houve a solenidade de doutoramento *honoris causa*. E, por fim, observou: “Não há dúvida que o elemento africano, tanto quanto pude avaliar, é aqui de maior densidade do que nas outras terras que me foi dado a conhecer” (CORREIA, 1953, p. 222). A embaixada esteve em Maceió e Olinda e no dia 20 de outubro, por volta das 16 horas, iniciou-se a viagem de regresso a Portugal.

Podemos dizer que o sistema topográfico resultante da viagem vincula-se às dificuldades enfrentadas pelo governo português em vista das críticas ao colonialismo praticado naquele período. Os praticantes da estratégia colonialista debatiam-se com problemas de reconhecimento político e econômico na Europa. Em termos de reparação da imagem, o Brasil podia funcionar como demonstração simbólica do pendor administrativo português. Tal conotação, no entanto, achava-se comprometida por causa da aproximação do Brasil para com os EUA. Os norte-americanos, de fato, censuravam o colonialismo português na África.

Pressupomos que Portugal necessitava do Brasil como aliado diante de tais questões de ordem internacional. Por isso, a visita da embaixada pode então ser compreendida como um dos instrumentos que deveriam garantir a fidelidade do Brasil. Principal artifício dessa natureza foi a assinatura do Tratado de Amizade e Consulta, em 1953. Sabemos que houve época em que alguns portugueses defendiam haver a necessidade de conhecer o Brasil para tornar reconhecida a grandiosidade de Portugal, como criador de uma nação moderna e pujante. Nessa perspectiva, o Brasil não existiria se não fosse por Portugal, o país de passado

glorioso, das grandes navegações, dos descobrimentos e também região civilizadora e formadora de nacionalidades. Assim, almejava-se que Portugal fosse conhecido no Brasil e no mundo.

Esse jogo entre descobridor e um país descoberto projetado à sua sombra foi continuamente objeto de políticas culturais, visando diminuir tensões que pudessem obnubilar a presença de Portugal no Brasil. Portugal soube tirar proveito de sua posição de criador de nacionalidades, em defesa de suas pretensões coloniais.

Segundo Jerry Dávila (2006, p. 40) durante a década de 1950 a pressão étnica e diplomática portuguesa resultou em uma sucessão de ações governamentais com a intenção de alinhar o Brasil, ainda mais, a Portugal. Vargas e Salazar negociaram o Tratado de Amizade e Consulta de 1953, pelo qual os dois países concordavam em se consultar sobre questões internacionais. Por esse tratado, Portugal estendia privilégios econômicos e políticos aos imigrantes portugueses no Brasil, reduzia barreiras para o diminuto comércio entre os dois países e excluía a possibilidade de conexões entre o Brasil e suas colônias. Entende-se que essa relação entre os dois países não se colocava como uma imposição, pois havia por parte do Brasil um entendimento, segundo o Ministro das Relações Exteriores, João Neves Fontoura, principal negociador do Tratado de Amizade e Consulta, de que “a política com Portugal não chega a ser uma política. É um ato de família. Vivemos com eles, na intimidade do sangue e dos entendimentos” (apud DÁVILA, 2006, p. 40).

As relações com Portugal começaram a se tornar tensas no final dos anos 1950 e também com os interesses comerciais brasileiros nas colônias portuguesas da África nos anos 1960. Mas o que nos interessa é que, em 1951, o Brasil vivia diplomaticamente uma relação amistosa, fazendo com que Álvaro Lins, embaixador que se indispôs com o governo de Salazar, perguntasse se ainda estava em voga o tratamento de Portugal como “um vovô querido”.

A trajetória da embaixada em território brasileiro é comparável a um movimento compreensivo, porque dele resulta uma totalidade textual. Trata-se de uma escritura interpretativa do Brasil, resultante da viagem que nos parece traçada no formato circular. No território brasileiro, o percurso desenha o retorno ao lugar em que a visita começou. Os membros da embaixada organizaram trajetos, destacaram certos espaços, condenando outros ao esquecimento, como fenômeno fático que confere certa organicidade às coisas. O reitor compara a Faculdade de Direito de Recife a construções de Zurique e refere-se a

certas tradições. No sistema topográfico desenhado pelo reitor, a baía da Guanabara aparece como um colar de pérolas, com aves exóticas.

Caminhando pela cidade, solitariamente, o reitor descreve um ‘mapa’ de comprovação da presença portuguesa no Brasil: estátuas de personagens históricos, capelas, portugueses residentes, pinturas de santos, reis, príncipes e outros homens notáveis. Esse espaço debruado era composto por edifícios inspirados em adaptações de construções imperiais, bibliotecas contendo livros portugueses e espanhóis, mas também com construções em estilo moderno a causar desassossego. Estátuas e monumentos de personagens portugueses são realçados no relato, ao lado de capelas votivas, quadros, vitrais e bustos da realeza e da nobreza de Portugal. A topografia elaborada por Maximino juntou Recife e Salvador ao Rio de Janeiro e este a São Paulo, vista como terra em que se divisam a influência portuguesa e a italiana, mas também eivada de retratos de personagens históricos, cerâmicas, estampas, livros e tudo vindo de Portugal ou alusivo ao país.

Nas regiões litorâneas mais ao sul, Rio, Santos e São Vicente, Maximino Correia destaca os prédios de feição lusitana, habitados por membros das colônias portuguesas. A topografia une Santos e Belo Horizonte, Rio, Salvador, Maceió e Olinda. Salvador é como que a apoteose da viagem. Trata-se de ambiente de forte influência espanhola, com maior presença de elemento afro, mas onde a topografia o faz lembrar-se de Coimbra. O retorno a Salvador, mesmo que não seja o ponto final da visita (Maceió e Olinda são os últimos lugares visitados) como que encerra o círculo interpretativo do sistema topográfico descrito pelo reitor, por conta do ‘relevo acidentado, existência de monumentos invocadores do passado, ar intelectual e tradicional desde os seus jornais até as conversas das pessoas. Como em Coimbra se respira uma atmosfera cultural mais sensível’.

O olhar e o registro dos fatos feitos por Maximino Correia dialogaram com discursos que apontavam para a grandiosidade de Portugal. Tais discursos, engendrados pela elite intelectual portuguesa, estavam colados à “política do espírito”, com vistas a alcançar o chamado Quinto Império. Diante dessas injunções, positivava tudo que lhe remetia a Portugal, não valorizava manifestações culturais que se contrapunham ao autoritarismo, ao colonialismo, e via com estranheza coisas que o remetiam à presença de outros países no Brasil.

Seu mergulho topográfico político, em determinados lugares do Brasil, foi profundamente marcado pela expectativa de encontrar no país referências que pudessem positivar, para os portugueses, a crença

na possibilidade do Quinto Império e, para as colônias portuguesas em África, mostrar a exemplaridade de uma colonização bem-sucedida. Disto se depreende que seu horizonte de compreensão constituiu-se a partir de sua tradição política e cultural, forjada pela intelectualidade salazarista e presente no meio acadêmico português; nas agremiações ou associações portuguesas existentes no Brasil e que se constituíam em lugares de propaganda do salazarismo; e por conta da suposta relação de pai e filho absorvida por intelectuais brasileiros ‘lusitanistas’, esvanecendo os interesses do Brasil, principalmente no que se refere à África.

Referências

- CAMPIGOTO, José Adilçon. Interpretação de textos, de história e de intérprete. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 229-252, jul.-dez, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COLI, Jorge. Primeira Missa e invenção da descoberta. In: NOVAES, Adauto. *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CORREIA, Maximino. Viagem ao Brasil da Embaixada Universitária de Coimbra. Relatos, Comentários, Discursos. *Revista Brasília*, Coimbra, v. XVIII, s/p, 1953.
- DÁVILA, Jerry. *Hotel trópico*. O Brasil e o desafio da descolonização africana. 1950-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- LESSA, Carlos (Org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Record, 2002.
- Ó, Jorge Ramos do. *Os anos de ferro: dispositivo cultural durante a Política do Espírito-1933-1948*. Lisboa: Estampa, 1999.
- PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal: a colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.
- REDONDO, Juan Carlos Jiménez. La relación política luso-española. In: TORRE GÓMEZ, Hipólito de la. *Portugal y España Contemporáneos*. Madrid: Marcial Pons, 2000. p. 271-286.
- ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise Social*, Lisboa, v. XXXV, n. 157, p. 1031, 1054, jun. 2001.
- SERPA, Élio C. et al. *O beijo através do Atlântico: o lugar do Brasil no panlusitanismo*. Chapecó: Argos, 2001.
- SILVA, Maria Luísa Portocarrero. *Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica*. 2010. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/conceitos_hermeneutica3>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- TORGAL, Luís Reis. *A Universidade e o Estado Novo*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.
- _____. *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva, 1989.